

# CONTINUIDADE e DESCONTINUIDADE em *quem inventou* Marrocos DE FERNANDO Venâncio\*

Abdelilah Suisse  
Universidade de Aveiro

## RESUMO:

Nesta obra, *Quem inventou Marrocos*, contada em forma de diário, Fernando Venâncio descreve-nos viagens que efectuou a este país. Viagens essas, cuja grande finalidade não era propriamente conhecer o exotismo das terras africanas, mas sim, talvez com saudade, rever lugares que outrora pertenceram a Portugal, sobretudo aquele onde se travou a desastrosa batalha de Alcácer-Quibir onde ficou soterrada grande parte das ambições da expansão portuguesa. Subdivide-se o volume em três capítulos: "O Sonho Marroquino", "Sem Gasolina em Alcácer-Quibir" e "Quem inventou Marrocos", capítulos deveras reveladores das peripécias, dos "sonhos" e reflexões que rodearam tal viagem. Neste trabalho, pretendemos encontrar alguns pontos de *continuidade e descontinuidade* na abordagem temática entre *Quem inventou Marrocos*, de Fernando Venâncio, e anteriores relatos portugueses de viagens sobre este país do Norte de África.

## ABSTRACT:

In the book *Quem inventou Marrocos*, Fernando Venâncio describes in the form of a diary his travels around Morocco. His experiences were not to discover the exoticism of Africa as such, but to relive, perhaps nostalgically, places which once belonged to Portugal, in particular, the site where the disastrous battle of Alcácer-Quibir took place, and where the ambitions for Portuguese expansion were destroyed. The book is divided into three chapters: "O Sonho Marroquino", "Sem Gasolina em Alcácer-Quibir" and "Quem inventou Marrocos", all of which successfully recount the twists, "dreams" and reflections of the journey. This paper aims to identify points of *continuity and discontinuity* in the thematic approach between *Quem inventou Marrocos*, and former Portuguese accounts of travels to this country of North Africa.

## PALAVRAS-CHAVE:

Marrocos, Fernando Venâncio, relatos, viagens

>>

## KEYWORDS:

Morroco, Fernando Venâncio, reports, travels

Desde o início do século XX muitos foram os intelectuais portugueses, a maioria deles desconhecidos pela crítica, que escreveram relatos de viagens sobre Marrocos, dos quais podemos citar dois grupos de viajantes:<sup>1</sup>

1-Intelectuais interessados e curiosos em contemplar a realidade do país e estudar os costumes dos habitantes, como no caso de Herlander Ribeiro (1923), Laudelino Miranda de Melo (1951) e A. Myrelles de Souto (1967);

2-Viajantes que desempenharam funções de domínio oficial (políticos, jornalistas e missionários) representados por Ricardo Jorge (s/d), António Rocha Júnior (1925), José Esaguy (1933), Oldemiro César (1925), Urbano Rodrigues (1935), entre outros.

A proximidade geográfica, o legado português, as relações luso-marroquinas – ao longo da história – são outros motivos que justificam, de certo modo, o grande interesse por este país do *Magreb*, superando a *vertigem Oriental* na literatura portuguesa. Esta tendência, ao contrário do resto de Europa, não assumiu contornos tão relevantes.<sup>2</sup>

Como admirador e visitante assíduo de Marrocos, Fernando Venâncio escreveu três diários de viagem, datados de 1988, 2001 e 2002, que deram origem à sua obra *Quem Inventou Marrocos* (2004), enriquecendo a bibliografia dos relatos portugueses de viagens no espaço marroquino.

Neste trabalho pretendemos encontrar alguns pontos de *continuidade* e *descontinuidade* na abordagem temática entre *Quem inventou Marrocos*, de Fernando Venâncio, e outros anteriores relatos portugueses de viagens sobre este país do Norte de África.

Embora possamos encontrar uma linha de *continuidade* com os anteriores relatos, nomeadamente no que diz respeito aos temas, tal como, o pitoresco e a evocação do passado português em Marrocos, a verdade é que a obra de Fernando Venâncio traz inegavelmente um cariz inovador no discurso narrativo. Discurso este que está estruturado no processo de

uma comparação implícita entre o que *foi escrito*, sobre o país, com o que *se observa* no momento da viagem. É, de facto, uma obra audaz e interessante no que diz respeito à relação que se pode estabelecer entre narrador (marcado pelo “eu” autobiográfico) e o espaço representado na narrativa, o Marrocos da actualidade, mas também do passado, quando Portugal alimentou sonhos de Expansão.

O próprio título da obra, onde surge a interrogação *Quem inventou Marrocos*, é muito provocador, pelo tom com que insinua uma culpabilidade aos que reduzem a imagem de Marrocos a um espaço exclusivamente exótico e pitoresco, como aparece, desde logo, na capa da obra de Fernando Venâncio (que ilustra uma imagem do deserto) e, também, nos títulos de alguns relatos de viagens anteriores, por exemplo, *Terras de mouros* (1925) de António Rocha Júnior e *Terras de mistério* (1925) de Oldemiro César. Neste aspecto concordamos com Maria Luísa Leal quando afirma:

O narrador-personagem de *Quem inventou Marrocos* opera com representações prévias, imagens que pretende confrontar com uma percepção em directo, ou seja serve-se da sua viagem para realizar um movimento simbólico de aproximação ao espaço do Outro. (Leal, 2006: 311)

Desde o início, o narrador-personagem assume um compromisso com o leitor para desmistificar os estereótipos que foram escritos nos relatos de viagens (*apud* Suisse, 2006: 81). Fernando Venâncio, ele próprio, anuncia, logo nas primeiras linhas, o seu desejo de “contrariar o olhar do turista” e fugir “da visão do exotismo” (Venâncio, 2004: 11) o que se torna uma tarefa difícil e complexa para o narrador, como vamos constatar mais adiante.

>>

## Os portugueses em Marrocos: entre o passado e o presente

No primeiro contacto físico com a porta do Magreb, a cidade de Tânger, sobretudo no seu papel de intelectual, o narrador-personagem efectua uma *viagem imaginária*<sup>3</sup>, mostrando-se como grande conhecedor da história comum entre Marrocos e Portugal:

Que era Marrocos para mim, antes de eu pôr, esta manhã, em Tânger, pé no país? Casas em taipa, uma chusma de mouros (exacto, uma chusma), alguns camelos, largos palmeirais, o Deserto. E Ceuta perdida, e o Infante Santo na masmorra. E Alcácer-Quibir. (*idem*, 9)

60>61

Destacam-se nesta primeira citação, que funciona como *incipit* no relato, quatro elementos históricos: 1 - mouros, 2- Ceuta perdida, 3 - Infante Santo na masmorra e 4 - Alcácer-Quibir. Antes de penetrar no espaço marroquino, o narrador-personagem insinua que estas referências e confrontos históricos reduzem, à primeira vista, a imagem de Marrocos para qualquer viajante lusitano. Fernando Venâncio, *na sua narrativa de viagem*, mostra uma grande preocupação em manter um discurso histórico, usando numa perspectiva da história nacional portuguesa, a palavra "mouros"<sup>4</sup> para designar árabes, o lamento de "Ceuta perdida" a favor de Espanha, até à actualidade, "o infante Santo na masmorra" para evocar o lugar da desgraçada morte, "Alcácer-Quibir" como palco da Batalha dos três Reis. Neste discurso, o narrador-personagem chega ao ponto de usar o possessivo "nossa" quando se refere a Arzila. Este domínio da história de Portugal é conciliado, ao mesmo tempo, por um conhecimento linguístico no uso da palavra Ksar-el-kebir (tal como se pronuncia em árabe) e a sua respectiva tradução "grande palácio".

O *Marrocos imaginário*, dos conflitos do passado que acabamos de referir, contrasta com o ambiente das festividades actuais, organizadas em honra de António Guterres e Jorge

Sampaio em visita oficial, que coincidem com a chegada de Fernando Venâncio à capital Rabat, e isso parece “confundir” o próprio narrador. Finalmente, para o autor, este episódio sublinha que os *traumas* da história portuguesa estão ultrapassados, ao ponto de revelar, adiante, que a sua presença em Fez tem a ver com a apresentação de um trabalho académico, na universidade, sobre o “Desaparecido” de Alcácer-Quibir na literatura portuguesa, representada, neste tema, por vários escritores: Ernesto Rodrigues, Manuel Alegre, Almeida Faria, Fernando Campos, Agustina Bessa-Luís, Amadeu Lopes Sabino, Vergílio Alberto Vieira e Fernando Dias Antunes.<sup>5</sup>

>>

Muitos destes autores, e o próprio Manoel de Oliveira no filme, *Non, ou a vã glória de mandar* (1990) segundo o narrador, descreveram Alcácer-Quibir como espaço desértico, logo desmentido pelo viajante de *Quem Inventou Marrocos*:

Estranha coisa: a persistente imaginação lusitana, e o filme de Oliveira, colocam-na no deserto, quando o deserto dista centos de quilómetros daqui. Toda a metade norte de Marrocos é verde, bem verde do que nosso, esse, sim desértico, Alentejo. (*idem*, 39)

Estas referências ao passado português permanecem espalhadas ao longo dos três capítulos desta obra.

Ainda, neste primeiro diário, a sua deslocação no espaço continua a proporcionar-lhe uma *viagem imaginária* pela história:

Calhou-me hoje um dia português. Os nossos ancestrais andaram fortificando a costa de África, e deixaram feitas em Mazagão (actual El-Jedida, “A Nova”) e em Azamor valentes praças. (*idem*, 23)

Inesperadamente, o viajante toma a posição do “turista lusitano” e intelectual “responsável” e deixa-se levar por um sentimento de “nostalgia” e de “saudade”, confessando que até se pode desfrutar de “um dia português” com a visita às “valentes praças” de “Mazagão e Azamor” e, nomeadamente, à “cis-

terna de soberbas arcarias”. A semelhança com outros relatos, a passagem pelas praças portuguesas em Marrocos constitui uma etapa imprescindível e obrigatória para a “peregrinação” dos viajantes portugueses. Ao apresentar o legado português com um tom menos nacionalista, o narrador quer apenas transmitir a sensação de estar em terras lusitanas, embora esteja na realidade em Marrocos. Pelo contrário, Alves de Moura (1933) numa postura radicalmente colonial, na sua obra *Impressões duma visita a Marrocos*, faz questão de citar um longo artigo de um jornalista francês, Albert Petit, que afirma o seguinte:

62>63

Acabais de visitar os vestígios gloriosos do domínio português em Azamor e aqui mesmo e assim pudestes verificar o cuidado com que a França, vossa herdeira nestas paragens, se empenha em conservá-los. É que eles são testemunhos dum passado glorioso, de que os vossos avós escreveram as mais belas páginas com o melhor do seu sangue. (Bouno, 1998: 145)

Não há dúvida que se trata de um discurso colonial em que a França, numa posição de país ocupante, se orgulha de cuidar e proteger os vestígios gloriosos do domínio português e que testemunha “belas páginas” da história da expansão portuguesa. É, pois, um discurso de *fobia*<sup>6</sup> que nega totalmente a presença do Outro, representado pelo colonizado, Marrocos.

À medida que avança na narrativa e, por conseguinte, no trajecto físico percorrido, o viajante vai desenvolvendo uma atitude irónica e crítica acerca da “ocupação de Ceuta”, “onde dois mundos moram” tão próximos mas de “costas viradas”:

Além, do outro lado do Estreito, a trinta quilómetros, está o primeiro mundo. Bons ordenados, uma perspectiva, casinha, mulher e filhos. Ao alcance de um maço de notas a passadores. E são às centenas os que se metem ao mar. Eu não distingo, mas, além ao longe, há corpos dando à costa. (Venâncio, 2004: 34)

Para o narrador, a posição de Ceuta, como fronteira europeia dentro do território marroquino, alimenta a emigração clandestina cujas vítimas continuam a aumentar. A Europa deveria ter uma visão mais aberta, investindo mais em território africano e aproveitando um “mercado vizinho” e a juventude da sua população que reclama uma oportunidade e a liberdade na deslocação pelo mundo.

Sempre numa posição crítica, e a partir do espaço marroquino, refere que Alcácer-Quibir foi o “pesadelo de um povo” (*idem*, 39) e, considera-o como uma “empresa louca ao projecto de Sebastião de conquistar Marrocos” (*idem*, 43). De facto, nada de sentimento nacionalista revelam estas afirmações, ao contrário da posição de Laudelino de Miranda Melo que, na sua passagem pelo Alcácer-Quibir, “guardou protocolarmente um minuto de silêncio” (1951: 18).

>>

## **Afinidade com o povo marroquino e a língua árabe**

Numa linha de *descontinuidade* com anteriores relatos de viagens, a obra *Quem inventou Marrocos*, aporta um conjunto de registos de outro *Olhar* acerca do povo marroquino, que toma precisamente uma posição de desmitificação, sublinhada em vários níveis, nomeadamente, a *nível do contacto pessoal, a nível da observação do movimento e do desenvolvimento social*.

Enquanto autores como Oldemiro César (1925: 11) e Herlander Ribeiro (1933: 87), muito condicionados pelo contexto histórico da época, definem, respectivamente, o habitante de Marrocos como “mouro, ignorante e fanático” e “uma charada” cuja “alma, não se abre para ninguém”, o narrador-personagem, em *Quem inventou Marrocos*, classifica o povo marroquino como um “belíssimo povo”, “povo admirável”, de “grande doçura”, muito comunicativo, que “sorria ao menor contacto”. Gente com “olhares” onde se apanha “percepções fugidias de gente alentejana” (Venâncio, 2004: 17), como se fossem da

mesma família, afinal é um "país normal". Este sentimento de pertença, a esta sociedade observada, obriga o narrador-personagem a revelar vários elementos autobiográficos: o autor, Fernando Venâncio de origem alentejana, precisamente, de Mértola, residente na Holanda, confessa sentir-se sempre bem integrado no meio marroquino, como se fosse um deles:

Em Amesterdão, é-me habitual topar no olhar de marroquinos a pergunta de se não serei um deles. De resto, orgulha-me pensar que remotos avós meus atravessaram o Estreito e foram fazer de Mértola uma terra que se visse. (*idem*, 17)

64>65

Voltando a Portugal, o viajante parece descobrir que Mértola, a sua cidade natal, está geminada com Chefchaouen. Este sentimento de empatia, cumplicidade e pertença à sociedade marroquina facilita o contacto e a *percepção* do *Outro*.

Nesta Dar Baida - europeicamente chamada Casablanca - levou-me Jilali ontem a ver o bairro de Houbousse, o das livrarias e do artesanato sofisticado. (*idem*, 20)

Hoje de tarde, o meu jovem guia, mais as irmãs Aïsha e Quinza, e o mano Naïm, mostram-me o mercado de Derb Sultan. (*idem*, 21)

Quero chegar ainda de dia a Bab-Berret, onde Kácem agora me aguarda. (*idem*, 36)

Preocupado com o meu programa, Mohammed, o irmão mais velho de Aziz, trouxe-me à estação... (*idem*, 53)

Cedo tomámos a estrada do sudeste (...) Nourredine e eu falámos da vida, olhando a nossos pés formas que já foram terraços, casas, ruas, bulício humano. (*idem*, 62)

Como acabamos de constatar, a figura marroquina é omnipresente em dois níveis. Proporciona, por um lado, uma grande mobilidade no espaço, desempenhando o papel de *cicerone* do viajante e, por outro lado, permite uma alteração na

perspectiva narrativa que passa de um “Eu” para um “Nós”, numa manifestação e realização de uma pertença total ao espaço marroquino por parte do viajante.

Mais adiante, num local muito perto do deserto, em Aït-Benhadou, a trinta quilómetros, pela estrada para Marraquexe, o narrador-personagem, e seu amigo Nourredine, conseguem, através da Internet, comunicar com o mundo exterior. O viajante português responde ao seu correio e Nourredine conversa com a sua namorada canadiana em Montreal. O mundo da globalização parece ter chegado até às portas do deserto, aliando-se à importação de um *modus vivendi* tipicamente ocidental. >>

Pela sua mão e, sobretudo, pelo seu *Olhar*, Fernando Venâncio leva-nos ao ponto mais alto da globalização, e a outra perspectiva desconhecida de Marrocos graças à sua descrição da cidade de Ifrane, que contrasta totalmente com a imagem exótica gravada na memória colectiva e colocada na capa da obra analisada:

Ifrane fica a cinquenta quilómetros de Fez, para sul, mas entra-se, aí, num outro país. É a cidade mais elevada, a 1650m, e por certo a mais moderna de Marrocos. Pela arquitectura, pela altitude e vegetação, e já agora pela temperatura e pela limpeza, pode imaginar-se a gente na Suíça. (...)

Foi em Ifrane que a cooperação árabe ergueu uma universidade, a de Al Akhawayn, ‘Os Irmãos’, de excelente fama, onde a língua corrente é o inglês... (*idem*, 48)

Além desta empatia com os marroquinos, que ficou provada ao longo desta narrativa, situando o seu relato numa linha de *descontinuidade* com viajantes anteriores em solo marroquino, emerge outra afinidade linguística com a língua árabe. Salienta-se, assim, o grande esforço de Fernando Venâncio em traduzir o significado de alguns nomes ou transcrevê-los tal como se pronunciam em árabe: Ksar-el kebir - o palácio grande, Casablanca - Dar Baida, inxalá - oxalá, Mazagão, actual El-Jedida - A Nova, Cristão - Nasserâni, na cidade - fi Medina, Os

Irmãos - Al Akhawayn, alcáçova – Kasba e Rabat - Ribat.

Em suma, nesta obra de Fernando Venâncio estamos perante a emergência de um *Outro Olhar* sobre Marrocos, que marca uma *descontinuidade* com os relatos portugueses anteriores de viagens sobre este país do Magreb. Neste novo contacto com o *Outro*, o viajante não se limita a perceber as diferenças entre as culturas e aceitá-las mas, também, mostra uma tentativa nítida de assimilação cultural, manifestada na sua origem alentejana, de Mértola, uma região caracterizada pela influência muçulmana, e na sua preocupação em transcrever palavras em árabe. <<

## NOTAS

---

\* Este artigo foi elaborado no âmbito do Projecto "Interidentidades" do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

[1] Abdelmouneim Bonou (1998: 13-14). Trata-se de uma antologia interessante que reuniu vários relatos portugueses de viagens.

[2] Álvaro Manuel Machado afirmou que "em nada o nosso hesitante Romantismo foi atraído pelo Oriente" (1983: 78-79), considerando que o orientalismo na literatura portuguesa não existiu antes de finais do século XIX, expandindo-se apenas com a Geração de 70.

[3] Álvaro Manuel Machado e Daniel Pageaux definem "a narrativa de viagem como uma sucessão linear de descrições de locais visitados, de impressões e de experiências, mais ou menos pormenorizada; a *viagem imaginária* é uma peregrinação através de livros e de tradições culturais" (1983: 47). >>

[4] A palavra "mouro" que designa árabe pode ser entendida como algo pejorativo.

[5] Fernando Venâncio afirma: "(...) nos últimos vinte anos, nada menos do que cinco romances, entre nós, tomaram por assunto o grande «Desaparecido» de Alcácer-Quibir. Foi *A Serpente de Bronze*, de Ernesto Rodrigues, onírico mas estranhamente histórico. Foi Manuel Alegre, transpondo para a guerra colonial, em *Jornadas de África*, o drama de quinhentos. Foi Almeida Faria, que, em *O Conquistador*, se divertiu puxando o tapete ao trauma nacional. Foi o recentíssimo *A Ponte dos Suspiros*, de Fernando Campos, recriando cenários e envolvendo meio-mundo na causa de um rei incógnito. Foi, mais que todos, *O Mosteiro*, de Agustina (...) Amadeu Lopes Sabino dá ao tema um gracioso conto, «O Iluminado»." (2004: 44-45)

[6] Daniel Pageaux (1994: 71-72) propõe uma sistematização das atitudes fundamentais que determinam a percepção do *Outro*, considerando quatro procedimentos distintos face à realidade estrangeira: o indivíduo pode considerar a cultura que observa inferior à sua ou, pelo contrário, considerá-la superior, atitudes que geram aquilo a que o autor designa de *fobias* ou *manias* e que implicam a desvalorização ou sobrevalorização dos padrões culturais do sujeito. Existe ainda outra atitude designada pelo autor de *Filia* que consiste em valorizar a outra cultura, sem menosprezar a sua. Neste caso, tanto a cultura receptora como a realidade estrangeira são consideradas equilibradas e complementares.

## BIBLIOGRAFIA ∨

Bounou, Adelmouneim (1998), *Relatos Portugueses de Viagens (1879 – 1996). A Imagem de Marrocos*, Fez, Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Dhar El Mehraz em colaboração com Centro Cultural Português do Instituto Camões em Rabat.

César, Oldemiro (1925), *Terras do mistério*, Lisboa, Diário de Notícias.

Júnior, Rocha (1925), *Terras mouras*, Lisboa, Portugália Editora.

Leal, Maria Luisa (2006), "Mais Denso que a água e com escasso poder flutuação: questões de focalização narrativa na tragédia do Estreito de Gibraltar" in *Cadernos de Literatura Comparada 14/15: Textos e mundos em deslocação*, Tomo 1. Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Edições Afrontamento.

Machado, Álvaro Manuel (1983), *O mito do Oriente na literatura Portuguesa*, Lisboa, ICALP, Biblioteca Breve.

Machado, Álvaro Manuel e Pageaux, Daniel-Henri (1988), *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Edições 70.

Miranda Melo, Laudelino de (1951), *Viagem de Portugal a Espanha e Marrocos e Volta*, Lisboa, S.L..

Moura, Alves, (1933), *Impressões duma visita a Marrocos*, Lisboa, Escola das Oficinas de S. José.

Pageaux, Daniel-Henri (1994), *La littérature générale et comparée*, Paris, Armand Colin,

Ribeiro, Helandér (1933), *Uma semana em Marrocos*, Lisboa, Edição do Autor.

Suisse, Abdelilah (2006), «Estereótipos de Marrocos nos relatos portugueses de viagens» in *Cadernos de Literatura Comparada 14/15: Textos e Mundos em Deslocação*, Tomo 1, Porto, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Edições Afrontamento.

Venâncio, Fernando (2004), *Quem inventou Marrocos*, Gaia, Editora Ausência.